

TV+

Consagrando uma carreira de quase duas décadas, Romulo Arantes Neto celebra a volta às telenovelas, onde começou, com personagem em *Fuzuê*

ISABELA BERROGAIN

Filho do também ator Romulo Arantes, Romulo Arantes Neto tem a atuação no sangue. O carioca de 36 anos estreou nas telas em 2007, na extinta *Malhação*, conhecida por ser porta de entrada de novos atores, e, desde então, marcou presença em elencos de produções de sucesso da Globo, como *Éta mundo bom!* e *Império*. Agora, o artista celebra a volta às telenovelas, após uma pausa de três anos — Romulo dá vida à Julião em *Fuzuê*, novela das sete da emissora em que começou há quase duas décadas.

Retorno às telinhas



Entrevista / Romulo Arantes Neto

Como está sendo voltar para as novelas após esse período afastado?

Está sendo uma maravilha! É a minha escola. Quase tudo que sei, aprendi fazendo novelas. Tenho muito apreço por esse formato.

Você teve seu início profissional nas novelas. Que papel elas têm na sua vida e como foram esses três anos em que você se aventurou em outras frentes?

Tem grande importância na minha formação como ator. Sempre gostei de aprender fazendo, executando... E novela é isso, uma execução intensa de cenas. Durante esse tempo afastado do formato, aprendi a navegar melhor nas séries e nos longas. Foi superimportante essa fase para conhecer mais o mercado do audiovisual e mergulhar mais profundamente no meu ofício. Conheci pes-

soas muito legais ao longo dessa jornada.

Fuzuê tem sido sucesso de público. Que resposta você tem recebido sobre Julião?

As respostas são positivas: um traste, crápula, sem caráter, "do mal" (risos). Isso significa que estou cumprindo o meu papel. Brincadeiras à parte, o retorno tem sido muito positivo. Fora e dentro da empresa. Estou bem contente.

Você começou em *Malhação* e pôde voltar para o folhetim 13 anos depois, em 2020. O que você aprendeu na sua primeira passagem pela novela e como foi reviver essa atmosfera?

Na primeira passagem, aprendi que tem que se entregar e mergulhar de cabeça, ou não dá certo. Aliás, descobri que tudo que queremos conquistar, precisamos nos doar inteiramen-

te. Foi uma boa lição. E voltar para o folhetim depois de mais maduro foi uma delícia! Foi uma conexão com o meu passado, uma visita com um olhar mais generoso e saudoso.

No streaming, você contracenou com Leandro Hassum no longa *Meu cunhado é um vampiro*, que alcançou o primeiro lugar em língua não inglesa na plataforma. Como você enxerga a projeção internacional que as plataformas de streaming têm dado para o audiovisual brasileiro, que nem sempre é valorizado?

Enxergo como algo positivo. Só vejo vantagem nisso. É um produto interno tendo chance de adesão em nível mundial. Um intercâmbio cultural incrível! Torço para que, cada vez mais, a nossa cultura atravesse as fronteiras e chegue positivamente.